

INCLUSÃO E DIFERENÇA: TENSIONAMENTOS E DEBATES NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Cláudio Marques Mandarinato - Mestre – UNISINOS

Resumo

Este ensaio trata do processo de transição pelo qual passou o Grupo de Trabalho Temático Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais para Inclusão e Diferença. A partir de um lugar que esteve envolvido neste processo, desenvolvo reflexões que situam tensionamentos e debates presentes formação acadêmica, no momento, em que ele sinaliza caminhos que potencializam diferentes linhas de pensamento advindos das Ciências Sociais, Humanas e Biológicas na Sociedade, Escola e Educação Física.

Palavras Chave: Inclusão; Diferença; Formação Acadêmica

Abstract

This essay deals with the transition process which happened to the People with Disabilities for Inclusion and Difference Thematic Work Group. Beginning from a place that was related to the process, I put forth questions which place tensions and debates present in the academic development, at the moment it points towards ways that empower different lines of thought from Social, Human and Biological Sciences in society, school and physical education.

Key words: Inclusion; Difference; Academic Development

Resumen

*Este ensayo se trata del desarrollo de transición por lo cual pasó el Grupo de Trabajo Temático con Personas Portadoras de Necesidades Especiales para la Inclusión y la Diferenciación. Desde un sitio que estuvo involucrado *ese* desarrollo, desenvuelvo ponderaciones que ubican tensionamientos y debates que forman parte de la formación académica que se señalan caminos que potencializan diferentes líneas de pensamientos venidos de las Ciencias Sociales, Humanas y Biológicas en la Sociedad, Escuela y Educación Física.*

Palabras Claves: Inclusión; Diferenciación; Formación Académica

Apresentando a Proposta

Este ensaio foi utilizado como balizador da palestra do Grupo de Trabalho Temático (GTT) Inclusão e Diferença no XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte ocorrido em Salvador/Bahia em setembro de 2009. Neste sentido, para iniciar a escrever sobre o tema da inclusão e diferença a partir dos tensionamentos e debates na formação acadêmica, entendo que seja necessário compreender o lugar de onde surge este tema. Os tensionamentos e debates colocam o tema do GTT Inclusão e Diferença numa transição que envolve o fortalecimento de campos teóricos que estão presentes na formação dos/as seus/suas pesquisadores/as. Neste sentido, as palavras inclusão e diferença permitem que a formação acadêmica aconteça com as nossas pedagogias que

geram aprendizagens na tensão e no debate. O ensaio, portanto, compreende as potencialidades do nosso campo acadêmico e o seu estado de ebulição.

Posições da Inclusão e Diferença

Início esta seção trazendo para o debate as palavras inclusão e diferença. Começo este investimento com a palavra inclusão permitindo-me pensá-la, a partir de agora, dentro do espaço escolar, pois, é nele que as maiores preocupações têm mostrado a fertilidade do debate. Nesse sentido, pretendo substituir o termo inclusão, para in/exclusão, seguindo nesse caminho a direção que Lopes (2007, p.3) tem tomado. Essa pesquisadora nos lembra que, tanto a inclusão como a exclusão, são termos inventados na modernidade “O lugar da inclusão, em nosso tempo, ocupa o tamanho do lugar inventado para a exclusão. (...). Para poder estar dentro do desejado, foi preciso inventar o lado de fora”. Esta operação ao encontrar na escola um terreno fértil, obriga a refletir sobre o entendimento de que existe, um que está no lado de dentro e outro que está no lado de fora. Lopes e Veiga-Neto (2007) comentam que:

(...) o mesmo espaço considerado de inclusão pode ser considerado um espaço de exclusão. Conclui-se assim que a igualdade de acesso não garante a inclusão e, na mesma medida, não afasta a sombra da exclusão. (p. 959)

Aqui, portanto, localizo um lugar para pensar a in/exclusão: o espaço institucional da escola. Nela a norma tem efeitos concretos em relação aos aprendentes e não aprendentes. A escola, além de ser um lugar em que se exercem as práticas disciplinares, é, também, um lugar de controle social.

A política de inclusão dos ANEEs, portanto, está diretamente ligada um controle destes alunos/as que devem sair da estranheza do nosso olhar. Esta estranheza, se faz presente, porque, antes de ser capturado pelos olhares da escola, das pedagogias, das patologias se estava diante de um estranho, aquele que não conhecíamos. Em relação ao estranho, Lopes (2004) faz nos dá a seguinte explicação:

A cada dia os estranhos, aqueles que não se enquadram em nenhum diagnóstico, que não conseguem se submeter a nenhuma tradução criada para dizer, vigiar e controlar o outro, se duplicam em uma demonstração de potência de sua diferença. (p.3)

E mais a adiante comenta que:

Sem saber do que o estranho é feito ou de quais discursos ele se constitui, não posso criar para ele pedagogias que dêem conta de sua educação e de seu controle. Estar com o estranho é estar diante da possibilidade do caos, entendido em um paradigma de uma racionalidade moderna, como possibilidade de estar diante da crise. (p. 9)

Percebe-se, portanto que a chegada dos/as ANEEs, na escola, está carregada de lugares em que serão capturados pelas pedagogias. Outros alunos e alunas, de outros

jeitos e modos de ser, de outras histórias de vida, de outras experiências, de outras diferenças, se multiplicam e são enquadrados nos parâmetros de normalidade. Para muitos, estes lugares são fixados numa identidade que irá apreender o/a ANEEs, os gêneros, as etnias, os estrangeiros, os corpos, etc, numa diferença para falar da diversidade. Aqui parece ser importante trazer uma análise de Carvalho quando escreve que:

Felizmente estão emergindo e ganhando texto as ideias que valorizam o movimento das alteridades, transformando o princípio da permanência da identidade e tirando as diferenças do lugar do bizarro e do inusitado (...) Não se trata de negar as diferenças enquanto condição singular de cada pessoa e, sim, de analisar “novos” modos de reconhecimento da diferença em termos políticos e sociais. (Carvalho, 2008, p.22)

Tirar a ideia de diferença como algo que envolve a permanência e valorizar a sua potencialidade saindo daquela ideia de diversidade em que ela é justificada pela fixação de cada um numa determinada posição é um deslocamento que faço para justificar a imobilidade que as identidades geram. Como se fosse possível enxergar os/as ANEEs, somente nesta posição de não aprendente, alguém que entrou na norma, mas como anormal. Uma das formas de debater a diferença, está em relacioná-la com a diversidade. Na diversidade existe a fixação da identidade para nomear o diferente. O diferente, então, aparece na ordem de oposição à normalidade, fora da média. Entendo, que a palavra diferença, não deve ser tratada como algo estigmatizante, pois, neste sentido, ela seria tratada como algo naturalizado, com pouca resistência, sem perceber a sua força política. Pensar a diferença dessa forma, seria jogá-la para o lugar da deficiência, da falta da perda de força. Nesta relação a deficiência, como uma diferença na diferença aparece o assujeitamento de alguém que é capturado pela sua experiência. A forma como as nossas diferenças são marcadas na sociedade, escola, não pode ser encerrada com um lugar fixo que enfraqueça a resistência e a possibilidade de se multiplicar quando pretende-se capturar o outro.

Para ajudar a pensar sobre a identidade e a diferença e contribuir na possibilidade de outros pensares, trago aqui um artigo em que Silva (2002) nos permite fazer esta incursão:

Geralmente a diferença é reduzida à identidade; A diferença não tem nada a ver com o diferente; A multiplicidade não tem nada a ver com diversidade. A multiplicidade é a capacidade que a diferença tem de se multiplicar; Não só difere aquilo que é semelhante é justamente o contrário: só é semelhante aquilo que difere; A identidade é propositiva: x é isto. A diferença é experimental: o que fazer com x; A identidade é da ordem da representação: x representa y, x é y. A diferença é a proliferação: ela repete, ela replica: x e y e z ; A diferença é mais da ordem da anomalia que da anormalidade: mais que um desvio da norma, a diferença é um movimento sem lei. A diferença não pede tolerância, respeito ou boa-vontade. A diferença, desrespeitosamente, simplesmente difere; A diferença não tem a ver com a diferença entre x e y, mas com o que se passa entre x e y. (p. 66)

Mais do que nos preocuparmos com a diferença como uma identidade já dada, é importante estar atento com aquilo que acaba sendo fixado enquanto identidade para enquadrá-los numa diferença. O pensamento moderno precisa destes lugares fixos para dar uma permanência à identidade. Desta forma, procura anular a capacidade que a diferença tem de se multiplicar para ficar situada numa diversidade. Neste caso, a diversidade dificultaria este movimento múltiplo.

Outra possibilidade de refletirmos está em percebermos que as semelhanças que podemos encontrar se apresentam numa compreensão em que ela só é possível porque tem a potencialidade de se diferir. Assim, temos o desafio, não de procurar encontrar a resposta para quem está fixado numa identidade, mas sim de que possamos entender cada caso como uma experiência que acontece consigo mesmo na relação com os outros.

Esclarecidos alguns posicionamentos sobre a identidade, inclusão e diferença, tomo a liberdade, agora, para dar continuidade a este texto, fazendo uma aproximação entre a in/exclusão no contexto da Educação Física escolar, com as obras de Maurits Cornelis Escher¹ (M.C.Escher). Mas, por que, aproximar a in/exclusão e a Educação Física escolar com as obras de M.C.Escher, já que num primeiro olhar estão distantes e que pertencem a campos de interpretação e análise tão diferentes um do outro? Mas, também, por que não me aproximar dessas obras que potencializam o meu pensamento? Em que âmbito é possível fazer esta aproximação? Qual é o referencial que utilizo para traçar esta amarra, fazer esta trama, pensar que é possível reunir o meu pensamento neste caminho? Entro, portanto, no campo dos possíveis, dos desencaixes² típicos da contemporaneidade em que vivemos, em que algumas distâncias podem ser percebidas muito mais, a partir de uma racionalidade que fixa determinados lugares como se tivessem identidades que não pudessem comunicar-se. Como se a Educação Física escolar no seu lugar estivesse tão distante de uma comunicação das obras de M.C.Escher.

A primeira aproximação é a partir da Fita de Möbius, concebida pelo matemático August Ferdinand Möbius, que foi muito utilizada nas obras de M.C.Escher. A fita de Möbius representa o oito do infinito e pode ser feita a partir de uma fita em que se faz uma dobra de 180° unindo as suas extremidades. Neste caso, a fita passa a ter um lado apenas.

¹ Maurits Cornelis Escher foi um artista gráfico holandês do início do século XX, que trabalhava com xilogravuras e litogravuras.

² Zygmunt Bauman comenta que na modernidade a idéia do racionalismo passa a ser desconstruído e desencaixado por um mundo cada vez mais líquido (1998).



Figura 1 - Formigas

Olhar para a fita de Möbius (Figura 1), permite a compreensão de que, ao se tratar da in/exclusão, não existe um aluno que está dentro e outro fora do espaço escolar. Ambos estão na norma da in/exclusão. Ambos, estão capturados por ela. E o que quero dizer ao me referir com o estar capturado pela norma? Quero dizer que o pensamento ao ser capturado pela in/exclusão não deixa ninguém de fora.

Quando se observa, as formigas caminhando num espaço que representa a Fita de Möbius, resgato a questão da in/exclusão, pois, não existe uma formiga que está no lado de dentro e outra que está no lado de fora. Nessa dobra, penso sobre o deslocamento da idéia de um caminho do mesmo (Identidade) e o caminho do outro (Diferença). Isto só poderá ser feito a partir de um discurso que procure fixar e posicionar os/as alunos/as em capturas que tratem das suas individualidades. O enfraquecimento da diversidade, que nomeia cada um, posicionando para retirar a sua força política, está presente para atingir a todos/as, não deixar ninguém de fora da norma. A tradução que faço, a partir da in/exclusão que a figura mostra, está em dizer que as experiências de conviver entre si, na escola e na Educação Física acontecerá num mesmo lugar, de dentro, em que serão ali exercidos os discursos de in/exclusão dos/as escolares. Aparentemente enxergamos formigas iguais, mas resgato aqui a citação de Silva (2002) que comenta sermos iguais pela capacidade que temos em nos diferir um do outro. Quando M.C.Escher desenhou as formigas caminhando nesse espaço, não tinha a preocupação de trazer essa questão, ou seja, isto é uma tradução daquilo a obra me permite ir além do que foi proposto, e, portanto, usá-la para debater sobre o tema da in/exclusão.

O conceito de diferença, considerando a escola e o currículo, é, igualmente, traduzido como diversidade ou identidade. Neste recorte epistemológico, tendo a escola quanto cursos de formação de professores através de seus currículos, se movimentam na intenção de criar posições específicas capazes de traduzir a todos. Traduzir, principalmente, aqueles estranhos não enquadrados em identidades já inventadas, proclamadas e incluídas dentro e fora de uma média de normalidade determinada sob condições diversas. (Lopes, 2007, p.13)

Dizer aquilo que os alunos/as com necessidades educacionais especiais tenham que fazer, deixá-los em posições de não aprendentes, controlar como aprendem.

Seguindo a pesquisa sobre a origem etimológica da palavra incluir, Souza e Goes (2001), comentam que significa enclausurar ou fechar por dentro. Neste sentido, para incluir é necessário que haja o enclausuramento. Só é possível incluir o que está enclausurado. A escola, por exemplo, é uma instituição que faz isso, ao sequestrar os/as alunos/as, enclausurá-los/as, ela faz a in/exclusão por dentro.

Quando se trata da in/exclusão, é porque aquilo que é discursado para incluir possui a mesma força, também, para excluir ou, então, trazendo aqui o artigo de Veiga-Neto (2001) de, incluir para saber e saber para excluir. Neste caso, se pode estar, tanto incluído como excluído, dependendo das relações de poder e de saber que dizem quem está dentro e quem está fora da média. A questão que apareceu agora, remete ao apriori, tal como na Fita de Möbius, onde sempre é necessário que algo seja feito antes para que se chegue ao próximo lugar. Por exemplo, aquela fala que muitas vezes encontramos nos/as educadores/as dizendo não estar preparado para trabalhar com determinados alunos/as.

Porém, fazendo aqui um viés com a Fita de Möbius comento que este princípio regulador ocorre num espaço em que todos/as estão colocados, ou seja a instituição escolar. Estar dentro dela é estar capturado pelos seus saberes e poderes e aquilo que produzem sobre cada um nas capturas pedagógicas, para justificar como traçar melhores caminhos na formação dos escolares. Encerro esta seção comentando, portanto, que o caminho que tenho adotado ou que tem capturado o meu pensamento: está povoado por esses diferentes lugares que me nutrem. Permitir, ser nutrido por esses diferentes lugares, é estar sensível para compreender que o nosso tempo e os seus saberes não podem ser encerrados num último paradigma ou verdade, mas sim, estar potencializados pelas resistências, tensionamentos que, tanto a inclusão como a diferença, nos dão esta oportunidade.

O Tensionamento da Inclusão e Diferença

Tendo me apoiado em alguns lugares para mostrar algumas potencialidades do tema Inclusão e Diferença, inicio esta seção com a outra parte, que compõem o título deste trabalho: o tensionamento. O tensionamento da inclusão e diferença está relacionado com uma transição pelo qual passou o nome do Grupo Temático de Trabalho do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte substituindo o antigo nome Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais. Essa transição iniciou no ano de 2007 e foi retomada nas reuniões do grupo, no IV Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, ocorrido em Faxinal do Céu – Paraná. Posteriormente a isso, os integrantes do Comitê fizeram um debate pelo correio eletrônico para que se chegasse a um nome que representasse uma alternativa, pois havia uma concordância de que o nome deveria ser modificado.

O documento elaborado para a mudança justificava que existia um entendimento de que o nome Inclusão e Diferença permitiria um trato com o conhecimento que teria como dimensão estudos que não abordassem somente as pessoas com “deficiência”, mas que, epistemologicamente, houvesse uma ampliação do campo temático envolvendo outras linhas de pensamento teórico. Nesse sentido, a escolha da palavra diferença junto à inclusão, permite fazer um deslocamento daquele lugar que está na anormalidade, falta, oposição binária (normal/anormal). A diferença pensada dentro de um potencial de resistência, tensão, que desacomodasse e ampliasse, sem reduzir, nem negar outros temas encaminhados ao GTT anterior.

O olhar, nesse sentido, se voltou para outros contextos de investigação. Um deles foi o de entender a necessidade de deslocamento da questão patológica, da “deficiência”, que fixa uma identidade na pessoa e deixa de perceber as suas múltiplas identidades e possibilidades de resistência. A Inclusão e Diferença, portanto, permitiria um debate sobre os sentidos, resistências que se produzem na contemporaneidade considerando a inclusão/exclusão presentes na Sociedade, Escola e Educação Física. Nesse sentido, definiu-se a seguinte ementa sobre o GTT Inclusão e Diferença:

Acolhe trabalhos que tratam de um campo de conhecimento das Ciências Sociais, Humanas e Biológicas na Sociedade, Escola e Educação Física entendendo as diferenças em seus múltiplos sentidos identitários de pessoas posicionadas nas suas classes sociais, econômicas, culturais, de raça/etnia, gênero, religiosidade, com necessidades especiais, etc, e que produzem e são produzidas na inclusão/exclusão.

Como se percebe, a própria ementa abre um leque de campos de conhecimento e faz um deslocamento para os Estudos Culturais. A potencialidade que está presente na ementa permite refletir sobre os diferentes posicionamentos que têm sido feitos em relação a identidades, diferenças, diversidade, práticas pedagógicas que mobilizam aqueles que estão envolvidos neste campo de conhecimento. Portanto, a sua definição é fruto de um tensionamento que não se encerra e nem se pretende acabado. Entendo esta definição “identidade e diferença” delimitam um movimento que o próprio GTT já vem apresentando. A transição não significa que outras visões sejam colocadas à margem; pelo contrário, é necessário que elas façam a sua resistência e que ampliem as fronteiras já que este tema faz uma desterritorialização sobre temas que insistiam em se manter e o novo nome do GTT faz este borramento.

Esse processo que se iniciou com a mudança do nome do GTT – Inclusão e Diferença estabelecerá diretamente um diálogo com a formação acadêmica. A definição de um nome que representa um direcionamento de trabalhos a serem encaminhados mostra que se está atento aos movimentos que existem no nosso tempo. Encontramos, neste sentido, os movimentos, relacionados às questões de gênero, raça/etnia, identidades e diferenças, estrangeirismos e de outro, nos estudos culturais, pós-estruturalismo, teoria crítica, etc.

O nome do GTT anterior, Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais, encerrava os trabalhos enviados para os eventos do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace), num lugar que não correspondia mais às necessidades da contemporaneidade, como se a fixação de uma identidade de necessidades especiais não circulasse na memória e história, corpo, escola, formação profissional, etc., impedindo que outros diálogos acontecessem. Embora a construção de um GTT faça uma aproximação dos pesquisadores por interesses relacionados à sua formação, área de atuação, pesquisas, extensão, e neste caso, direcionava os trabalhos para esta temática, entendo que é importante que se faça presente, pois se perdiam determinados embates acadêmicos.

Assumir um nome como inclusão e diferença é fazer um desprendimento de corporativismos e prescrições, que garante um lugar seguro e assegurado em que estão erguidos muros e delimitados territórios. É desapegar-se de um tipo de pensamento moderno, e perceber que existe, também, possibilidade para o borramento de determinadas verdades sem perdermos o rigor científico. O rigor científico foi um dos

tensionamentos que esteve presente durante as edições de cada Conbrace. Ele foi um importante elemento para o amadurecimento do GTT, enquanto campo de investigação pertencente a uma comunidade científica.

Que já existia uma tensão sobre a produção intelectual no nosso campo de conhecimento, isso parece não ser novidade. Se formos observar os resultados que Freitas (2005) apresenta no seu trabalho sobre a produção acadêmica em Educação Física adaptada, pode-se perceber que, antes da definição do GTT, Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais à distribuição dos trabalhos já apresentavam uma diversidade em relação à natureza epistemológica. Dos anais do CBCE de 1981 até 1997, foram encontrados 8 trabalhos relacionados à Reabilitação, 9 ao Esporte, 10 à Educação, 7 à Integração, 3 ao lazer e 51 em outras áreas.

Se formos buscar os trabalhos que foram apresentados nos Conbraces a partir de 1999, podemos perceber que aconteceram mudanças relacionadas aos temas que estiveram em evidência. Saímos de olhares voltados à Educação Física adaptada desde um termo tomado sem questionamentos, até a sua identificação com práticas messiânicas (MANDARINO, 2007). Mantiveram-se trabalhos mais esparsos dentro da teoria crítica. Percebeu-se que os temas relacionados à inclusão escolar começaram a se fazer mais presentes, porém, o debate sobre o entendimento de escola ainda não se fazia amadurecido. Trabalhos pontuais, que focam os benefícios do esporte, dos exercícios, da dança para as pessoas com deficiência estiveram presentes no decorrer desses eventos.

Nota-se que as referências teóricas que estão presentes nos trabalhos apresentados mostram que está acontecendo um movimento de busca de referenciais mais críticos e reflexivos sobre a escola, Educação Física adaptada, deficiência, corpo, etc. Tal movimento, em que os saberes, as produções acadêmicas, ou seja, os campos de conhecimento circulam no GTT, mostra que, mesmo estando fechado na ideia de Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais, outras referências circulavam pela própria força que se faz presente.

Cidade e Ferreira (2003), mesmo sendo uma militante da Atividade Motora Adaptada, quando apresentou o seu trabalho no Conbrace de Caxambu, foi na sociologia configuracionista de Norbert Elias para analisar o contexto das atletas paraolímpicas e é uma pesquisadora que, atualmente, investe as suas produções nas questões de gênero. Falkenbach (2007) tem dedicado as suas preocupações para os estudos relacionados à inclusão, assim como Cruz (2003), Chicon (2007) e Silva (2005). Com Rodrigues (2001) aparecem discussões de corpo a partir da contribuição da antropologia. O corpo aparece, também, nas preocupações de Faissal (2005) com a teoria crítica enquanto suporte. Mandarino (2007) faz questionamentos quanto à Educação Física adaptada, utilizando os estudos culturais para orientar o seu pensamento. Portanto, estão presentes campos de conhecimento que encaminham para as identidades e diferenças, fazendo aqui uma importante observação, ou seja, não se pretende fixar nenhum dos pesquisadores neste lugar, pois, isto estaria localizado numa ideia de imobilidade intelectual dentro de um pensamento. É justamente o contrário, entendo que todos/as estão fazendo os seus diferentes deslocamentos para fazê-los circular no nosso tempo.

Entendo que qualquer nome escolhido para o GTT estará carregado de significações. Nesse sentido, parece que ampliar os trabalhos em tal campo de conhecimento juntamente com aqueles que se aproximam da patologia, reabilitação, terapia, significa uma dobra importante, assim como a Fita de Möbius. Os termos inclusão e diferença aproximam-se de áreas como a filosofia, sociologia, antropologia,

estudos culturais, etc., não que outros campos estejam desvinculados, mas pode-se entender como desencaixados, pois são termos que se aproximam das racionalidades da modernidade para encontrar a melhor forma de localizar e categorizar determinadas práticas pedagógicas.

O GTT Inclusão e Diferença, carrega a oportunidade de estabelecermos diálogos com outros campos do conhecimento que estávamos distantes, o que foi percebido em diversos trabalhos apresentados.

Encerro esta seção, comentando que do ponto de vista prático, percebemos que no XVI Conbrace e III Conice, o GTT Inclusão e Diferença recebeu mais trabalhos (49) do que o anterior. Do ponto de vista dos temas dos trabalhos, percebe-se que prevaleceram aqueles que tratam da inclusão dos ANEEs. Mais dispersos, aparecem temas relacionados a corpo e saúde mental, identidade e diferença, acessibilidade, estratégias de ensino para ANEEs, questões patológicas, instituições especializadas, gênero, atletas de alto rendimento, enfim, está posto a potencialidade que irá produzir as tensões e debates pertinentes que circulam nos nossos interesses acadêmicos. Capturados que somos, no nosso pensamento, por diferentes campos epistemológicos, está aberta a janela ou as janelas para que possamos olhar e transitar nas diferentes paisagens que nos seduzem.

Encaminhamento do Ensaio

Diante do que foi apresentado nas seções anteriores, encaminho a última parte deste ensaio, no sentido destacar um lugar em que o meu pensamento foi apreendido e potencializou as minhas energias. Neste sentido, vou me direcionar para a in/exclusão. Farei isto porque o interessante é perceber o quanto o tema da in/exclusão captura o nosso pensamento. Somos governados pelo tema da in/exclusão. Porém essa captura surge a partir de diferentes mundos. Temos o mundo do politicamente correto, o mundo das cartas, declarações, lei e decretos, o mundo do contexto escolar que recebe os/as alunos/as com necessidades educacionais especiais, o mundo dos especialistas prontos para encontrar as melhores respostas, analisar da melhor forma como fazer a intervenção pedagógica para o estranho que chega na sala de aula e o mundo que orienta a nossa forma de interpretar o pensamento moderno e/ou pós-moderno. Nesses mundos, “compramos” o pacote da inclusão. As saídas para se viver num mundo melhor passam a ser buscadas por muitos/as pesquisadores/as. Procuram-se “fórmulas” pedagógicas para que a promessa feita possa ser alcançada. Passamos a viver e conviver, no espaço escolar e não escolar, com aqueles de quem não falávamos, mas que existiam na ausência do nosso discurso. No contexto do nosso GTT, direcionamos as nossas ações ligando-as ao cotidiano da Educação Física.

Na proposta deste ensaio, destaquei que o GTT Inclusão e Diferença é fruto de nossas próprias ações, pesquisas, tensões e debates acadêmicos. Advindos de diferentes lugares, campos de conhecimento que aceitam, também, outras referências epistemológicas estamos praticando o nosso GTT. Praticar, neste sentido, o nosso GTT, é aceitar trabalhos que permitem uma comunicação com outros GTTs. O amadurecimento pelo qual estamos passando é fruto destes momentos. Não mais um GTT a ser olhado pelo discurso da “deficiência”, da “necessidade especial”, que encerra a identidade do outro, mas sim pela potência que ele produz. E quando é liberada uma energia como esta no GTT Inclusão e Diferença, não podemos controlar até onde isto poderá afetar a formação acadêmica, mas isto nos permite pensar que estamos prontos para buscar novos e diferentes caminhos, não homogeneizadores, toda a vez que

pretenderem nos fixar em lugares do pensamento racional da modernidade. Neste ponto, cada um que faça a sua resistência no momento em for fixado num único discurso para provocar outras tensões. E o tensionamento e o debate continuam para contribuir na nossa formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio (Orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção Estudos Foucaultianos).

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CARVALHO, Rosita Edler. **Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagogo**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

CHICON, Francisco. Inclusão/Exclusão no contexto da Educação Física escolar. **Anais... XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. II Congresso Internacional de Ciências do Esporte/Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Recife: CBCE, 2003. CD-Room.

CIDADE, Ruth Eugênia; FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. Heroína de adaptação. **Anais... XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. II Congresso Internacional de Ciências do Esporte/Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Caxambu: CBCE, 2003. CD-Room.

CRUZ, Gilmar de Carvalho. Prática reflexiva de professores de Educação Física ante o desafio da inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais. **Anais... XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. II Congresso Internacional de Ciências do Esporte/Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Recife: CBCE, 2003. CD-Room.

ERNST, Bruno. **O Espelho mágico de M.C. Escher**. Köln: Taschen, 2007.

FAISSAL, Flávia. O Corpo que dança. **Anais... XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. I Congresso Internacional de Ciências do Esporte/Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Porto Alegre: CBCE, 2005. CD-Room.

FALKENBACH, Atos Prinz; WERLE, Verônica; DREXLER, Greice. A Escola e a Educação Física diante da inclusão. **Anais... XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. II Congresso Internacional de Ciências do Esporte/Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Recife: CBCE, 2007. CD-Room.

FREITAS, Patrícia. Educação Física adaptada: uma análise da produção brasileira. In:

LOPES, M. C. Inclusão escolar: currículo, diferença e identidade. In: LOPES, M. C.; DAL'IGNA, C. **In/exclusão: nas tramas da escola**. Canoas: Ulbra, 2007.

MANDARINO, Cláudio Marques. Educação Física adaptada: território de práticas messiânicas. **Anais... XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. II Congresso**

Internacional de Ciências do Esporte/Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Recife: CBCE, 2007. CD-Room.

REVEL, Judith. **Michael Foucault**: conceitos essenciais. Tradução: Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Paulo: Claraluz, 2005.

RODRIGUES, Graciele Massoli. Arquitetura urbana de um corpo. In: Anais... XII Conbrace/CBCE. Caxambu, MG: DN/CBCE/Secretaria Estadual de Minas Gerais/Secretaria Estadual de São Paulo, 2001. CD-Room.

SILVA, Tomaz Tadeu. Identidade e Diferença: impertinências. **Educação e Sociedade**. 2002, v.23, n.79.

SILVA, Anais... XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. II Congresso Internacional de Ciências do Esporte/Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Recife: CBCE, 2007. CD-Room.

SOUZA, Regina; GOES, Maria C. O ensino para surdos na escola inclusiva: considerações sobre o excludente contexto da inclusão. In: SKLIAR, C. (Org.) **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para saber. Saber para excluir. **Revista Pro-Posições**. Campinas, v. 12, n. 2-3, p. 22-31, jul/nov, 2001a.

Cláudio Mandarino - mandarino@unisin.br